UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FALE - FACULDADE DE LETRAS

THIAGO BONFIM ALVES

O CONFLITO ENTRE INDIVÍDUO E SOCIEDADE EM LUCÍOLA

MACEIÓ

2023

THIAGO BOMFIM ALVES

O CONFLITO ENTRE INDIVÍDUO E SOCIEDADE EM LUCÍOLA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado para obtenção do título de Licenciado em Letras. Faculdade de Letras. Universidade Federal de Alagoas.

Orientador: Prof. Dr. Murilo Cavalcante Alves

MACEIÓ

2023

THIAGO BONFIM ALVES

O CONFLITO ENTRE INDIVÍDUO E SOCIEDADE EM LUCÍOLA

Prof. Dr. Murilo Cavalcante Alves – FALE – UFAL (Orientador)

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Murilo Cavalcante Alves – FALE – UFAL (Examinador Interno)

José Niraldo de Farias (Examinador Interno)

Glaudistone Ferreira de Almeida (Examinador Externo)

**Catálogo na Fonte Universidade
Federal de Alagoas Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Antonia Izabel da Silva Meyer – CRB-4 – 1558

A474c Alves, Thiago Bonfim.
O conflito entre indivíduo e sociedade em Lucíola / Thiago Bonfim Alves. – 2023.
38 f.

Orientadora: Murilo Cavalcante Alves.
Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Letras - Português) –
Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 37-38.

1. Romance. 2. Representação feminina. 3. José de Alencar – Contexto social. I.
Título.

CDU: 82-31

AGRADECIMENTOS

Para a elaboração deste trabalho, assim como durante toda a minha vida acadêmica, contei com o apoio de poucas pessoas, mas graças a elas eu pude chegar ao final da graduação.

Faltam-me palavras que possam exprimir minha gratidão, e não poderei citar todas, mas uma em especial, destaca-se, me refiro a Onisciente Thatiane Karoliny da Silva Melo, me refiro a ela com essa carinhosa alcunha devido ao seu grande conhecimento.

Nycolas de Medeiros Silva Santos foi outro entre os poucos que me convenceram a permanecer neste trajeto complicado, digo isso considerando meus vários colegas que nutriam um grande desejo em chegar nesta fase de conclusão do curso e cujo a vontade e interesse superavam o meu próprio, no entanto, devido às dificuldades ao longo do caminho, tiveram que desistir.

Agradeço também aos diversos professores que tornaram minha vida um inferno, porém me proporcionaram grande conhecimento, que estão além do acadêmico, eles foram essenciais em meu aprimoramento como aluno e individuo, meus agradecimentos serão breves, e me desculpo pelo nome de outros colegas que não estão aqui presentes.

RESUMO

Com o intuito de mostrar uma representação feminina que se afastadas normas, isto é, que vai à contramão das convenções de uma sociedade inteira, analisei o romance *Lucíola*, de José de Alencar, publicado no ano de 1862, no qual busquei abordar os preconceitos de uma sociedade conservadora, e como tal produção literária continua a ser relevante mesmo tendo passado quase dois séculos após seu lançamento. Não obstante tal perspectiva, ainda questionei se ela é de fato relevante. Desse modo, para chegar a uma conclusão, que embora não seja definitiva, mas que esteja o mais próximo possível dessa idéia, adotei como base uma análise não apenas sincrônica, mas também diacrônica, em que sobrepus a obra diante de outras que possuem uma abordagem similar, tanto do mesmo autor quanto de outros autores. De outro modo, para analisar a dicotomia existente entre o indivíduo e a sociedade, busquei correlacionar minhas conclusões à visão do sociólogo Emile Durkheim, mostrando a influência que a segunda exerce sobre o primeiro, tanto com os personagens da obra quanto sobre como a própria obra se desenvolve, mostrando que existe uma confluência e não uma relação unilateral, fazendo uma intermediação entre a obra e o mundo real, e vice versa. No decorrer da pesquisa, levantei questionamentos que julgo pertinentes, e que acredito serem de fundamental importância não apenas para o campo de pesquisa, mas para o meu próprio desenvolvimento como futuro docente, assim como cidadão.

Palavras-Chave: José de Alencar, *Lucíola*, sociedade, representação feminina, dicotomia.

ABSTRACT

In order to show a female representation that is outside the norms, which goes against the conventions of an entire society, I will work with the work *Lucíola*, published in the year 1862, where I will try to address the prejudices of a conservative society, and as such literary production continues to be relevant even after almost two centuries after its launch, but I will still question whether it is in fact relevant, to reach a conclusion that although it is not definitive is as close to this as possible, I will take as a base a not only synchronous analysis, but also diachronic where I will overlay the work in front of others that have a similar approach, both from the same author and from others. In order to analyze the existing dichotomy between the individual and society, I will try to correlate my conclusions with the vision of the sociologist Emile Durkheim, showing the influence that the first has on the second, both with the characters of the work and on how the work itself develops showing that there is a confluence and not a unilateral relationship, making an intermediary between the work and the real world and the other way around, in the course of this research I will raise questions that I consider pertinent, and which I believe are of fundamental importance not for the field of research, but for the my own development as a future teacher, as well as an individual.

Keywords: Society, female representation, dichotomy

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	5
RESUMO	6
1 INTRODUÇÃO	7
2 A PROGRESSÃO ESPAÇO-TEMPORAL DO ROMANTISMO.....	12
2.1 Percurso Através do Mundo.....	12
2.2 O Romantismo no Brasil.....	14
3 O ROMANTISMO SEGUNDO JOSÉ DE ALENCAR.....	16
3.1 A Representação Feminina nas Obras Alencarianas	16
3.2 As Diferentes Perspectivas Sobre Lucíola.....	19
3.3 A Verossimilhança em Lucíola.....	23
4 A VIDA REPRESENTADA NA ARTE: LÚCIA E A SOCIEDADE OU LÚCIA VERSUS A SOCIEDADE?	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33

1 INTRODUÇÃO

Durante a construção deste T.C.C, nunca tive a crença que apresentaria algo que fomentaria uma revolução para a literatura ou qualquer outro campo de pesquisa/ estudo, e posso afirmar ainda que as afirmações expostas aqui, tanto sobre o escritor, quanto pela sociedade são frutos de minha análise e observação, representando assim minha opinião pessoal, por tal razão podem ser a qualquer momento refutadas. Os motivos são os mais variados possíveis, diferença espaço-temporal, visões divergentes entre minha visão e a do autor, entre outras inúmeras problemáticas existentes.

Eu mesmo não acredito que a razão de ter escolhido essa produção foi por ser a mais complexa e bem desenvolvida em que já entrei em contato, ainda assim o tema por ela proposto me despertou certo interesse, sendo este o conflito já citado entre Sociedade X Indivíduo, ainda que peque em representar certas nuances deste embate, ele não deixa de ser conciso durante a articulação da história, isso se deve ao quase meta conflito existente na produção, já que enquanto existe a crítica social realizada pelo autor dentro da narrativa, ele mesmo está preso ao conflito interno ao mostrar que não estava disposto a levar a heroína a um final em que sua marginalização não seria uma mancha, forçando-a até o encerramento do livro a enquadrar-se a um padrão aceitável de conduta, visão completamente contrária ao que ela deveria simbolizar.

Entretanto, mesmo atribuindo-se tais virtudes a narrativa, não se deve esquecer que o tempo é um adversário insuperável, de tal forma que não posso me restringir a unicamente analisar o livro de maneira a traçar comparações temporais sobre ele, pois que a diferença de idade existente pode ser um fator benéfico vendo o quão a frente do seu tempo a obra estava, ao menos em nosso país e sua diminuta idade em comparação a outras nações do velho mundo, nos colocando a uma grande margem de diferença em amadurecimento intelectual e cultural, além do fato da cosmovisão social do autor ser bastante diferente da que nós possuímos hoje.

Em meu T.C.C busco analisar o conflito entre Indivíduo e Sociedade dentro da obra *Lucíola*, do escritor José de Alencar, não apenas o embate do mundo físico,

mas também os conflitos psicológicos aos quais a protagonista Lúcia está sujeita, em sua própria mente, e como são representados dentro do contexto fictício e alcançam os leitores no mundo real.

Para desenvolver minha produção, busquei investigar o contexto sócio-histórico em que a obra nos introduz, de maneira que pudesse articular o assunto coerentemente, seja abordando a própria produção, que apresenta uma descrição quase documental do espaço e tempo em que a narrativa se desenrola, passando posteriormente a outros tópicos que abordam o cerne psicológico dos indivíduos presentes na trama, e conseqüentemente, como todos esses argumentos convergem.

Antes de prosseguir, devo dizer que o percurso não foi ausente de dificuldades, para desenvolver o trabalho contei com informações limitadas no que tange a sociedade do século XIX, mais precisamente o Brasil, segundo a visão dos próprios brasileiros, além desse tópico em específico, ao inclinar-me para a temática da prostituição, devido à obscuridade do assunto, encontrei apenas informações escassas.

Por me centrar no campo da literatura, além do impacto que ela possui ao representar a sociedade como um elemento vivo, busquei traçar as implicações de uma obra específica em seu contexto social e histórico, visando à contraposição de dados, com isso em mente minha pesquisa será principalmente de cunho analítico, voltada para a dissecação da mente dos indivíduos do séc.XIX, tendo os padrões definidos por Antonio Candido como alicerce - em **Literatura e Sociedade**, de 1965, visando a acuidade com que o autor lida com o assunto, sua capacidade de descrever o que conecta autor – obra – leitor, assim como o que os separa me ajudou a tomar um direcionamento ao mesmo tempo em que imprimia minha visão ao T.C.C sobre Lucíola, José de Alencar e o contexto social do livro e de nossa realidade, com tal base procurei tecer minha opinião sobre Lucíola, embasado nas análises psicossociais fomentadas por Antonio Candido.

Ao mostrar o conflito entre o indivíduo e a sociedade, procurei fazer uma abordagem diacrônico-sincrônica, pois vejo o tema como algo contemporâneo, e mesmo essa definição pode ser imprecisa, pois se observarmos sob uma perspectiva mais crítica veremos que o conflito entre uma classe tida como marginal

e, na outra ponta do espectro, um grupo privilegiado, não é algo relegado apenas ao nosso tempo e o da história, é algo que antecede a ambos e que provavelmente ainda continuará a desenrolar-se no futuro.

A base do conflito em *Lucíola* é tão profunda que durante toda minha pesquisa até a conclusão deste trabalho tangenciei apenas uma ínfima parte do todo, arranhando apenas a superfície, esta é outra dificuldade que encontrei durante o percurso até aqui, e atribuo isso a grande complexidade da escrita alencariana, em que o autor cria uma ponte com o leitor de maneira que nós próprios nos tornamos parte da narrativa, o elemento social é construído de forma que integra o autor como indivíduo e membro desse grupo à sociedade como personagem dentro da obra e até mesmo nós leitores, logo creio ser impossível ler sem imprimir uma visão do que é certo e errado.

Todos esses elementos tornam a obra orgânica, e são esses conjuntos de fatores que busquei exprimir nessas páginas, em que tento emitir uma opinião imparcial, e ao mesmo tempo verossímil, sobre o que o autor buscou exprimir ao construir seu romance. Para isso realizei análises de outras produções com tal temática para me nortear, mas meu principal intento foi deixar minha marca de forma que ficasse claro que imprimi minha visão sobre o assunto estando certo ou errado sobre os fatos que aponte.

Antecedendo a questão que levantaria a respeito da obra que alicerçou o corpus de meu T.C.C, precisei primeiro conhecer o contexto em que ela enquadrava-se, para isso analisei elementos que excedem a produção, tais como o ambiente, tempo e o genitor da mesma. E para embasar meus argumentos a respeito dos questionamentos que levantei ao discorrer sobre o tema, me apoiei na obra de Antonio Candido, *Literatura e sociedade*, de forma a alicerçar meu trabalho, tendo em vista a maestria do autor que discorre sobre a temática fazendo uma análise que também abrange tempo e espaço, assim como a realidade física e psicológica dos indivíduos.

Ao começar a elaboração do projeto não tive uma noção prepotente de que minha pesquisa traria uma mudança paradigmática nos campos do qual tangenciei, ainda assim empenhei-me para que todos os temas desse enfoque apresentassem uma proposta firme e coesa. E tendo ou não alcançado aquilo que me propus a

realizar, vejo a elaboração desse projeto como uma construção de aprimoramento pessoal, faço tal afirmação tendo ciência de que mesmo centrando quase que integralmente em literatura para desenvolver o projeto, vejo-o também como um compilado de conhecimentos acadêmicos e de vivência com as diferentes pessoas das quais tive o prazer ou desprazer de interagir durante minha vida universitária.

Busquei durante todo o percurso direcionar-me rumo a um campo que vi ser pouco explorado ao longo de minha vida universitária, a presença da mulher como elemento catalisador da construção de qualquer enredo, e embora esse não seja o tema em si do projeto que desenvolvi posso dizer que está intrinsecamente ligado a ele, mas ao mesmo tempo tomei a obra como meu objeto de estudo, pois esta embasa essa visão e a sobressai, pois como apontei no título o livro escolhido desconstrói a imagem da mulher socialmente, tanto em sua narrativa quanto no mundo real.

Durante o desenvolvimento de qualquer T.C.C o mesmo deve se centrar invariavelmente em uma questão, tal característica é a norma independentemente da pesquisa ser de cunho qualitativo ou quantitativo, no entanto, durante a concepção desta produção surgiram mais de uma pergunta, e em minha crença de que estas estão intrinsecamente ligadas, acredito que abordei todas, são elas:

- **Qual a razão do conflito entre o indivíduo e a sociedade?**
- **Há possibilidade de vitória, ou todos aqueles que buscam rebelar-se estão fadados a prosseguir um ciclo vicioso em que os eventos da trama estão destinados a repetir-se infinitamente, alterando os personagens e ordens dos eventos, porém mantendo-os imutáveis?**
- **Existe de fato um conflito, ou ao buscarmos atribuir algo como antagonico acabamos nós mesmos criando nossos inimigos?**

Talvez não existam respostas para estas perguntas, e o simples fato de buscar elucidá-las possam talvez provocar o surgimento de novas questões, porém não vejo isso como negativo, mas sim como um elemento que enriqueceu o que aqui construí.

Ao elaborar um projeto, cujo tema seja o conflito social que acompanha a desconstrução da mulher idealizada, não pude me desviar do cerne desta discussão, neste caso o elemento central é a própria mulher, ao longo das diversas publicações que vieram após a eclosão do movimento romântico tais figuras sempre foram onipresentes.

2 A PROGRESSÃO ESPAÇO-TEMPORAL DO ROMANTISMO

2.1 Percurso Através do Mundo

Tendo surgindo na Europa, o Romantismo foi mais que um movimento literário, pois englobava as artes plásticas, a música, e discussões de cunho intelectual que possuía até mesmo um viés filosófico. O surgimento deste estilo de época pode ser encarado como uma consequência natural das mudanças que ocorriam no mundo, já que seu surgimento acompanha o advento da Revolução Francesa, no final do século XVIII. No entanto, ainda nesse período, sua influência era relegada a pequenos polos concentrados em países como França, Alemanha e Inglaterra, seus pioneiros, cujo auge, todavia só ocorreria mais de meio século depois, na metade do século XIX para ser mais preciso.

A chegada do Romantismo ocorreu por meio da publicação da obra *Os sofrimentos do jovem Werther*, escrita pelo escritor alemão Johann Wolfgang Von Goethe, no ano de 1774.

O autor, por meio dessa obra, tinha como principal objetivo romper com o domínio da razão predominante na literatura durante os séculos que o antecederam, durante a fase que ficou conhecida como Iluminismo, que tinha como principal abordagem a retomada dos valores clássicos, e predomínio do pensamento lógico, perspectiva contrária a nutrida no Romantismo, seja devido à pureza religiosa cultuada nas protagonistas do gênero ou a total irracionalidade das ações dos heróis das diversas produções.

Todavia, como já citei anteriormente, o período em que o mundo se encontrava era o de um estado de mudança, seja esta física ou de pensamento. Para acompanhar isso, o Romantismo surgiu quase como uma necessidade, com uma perspectiva que pode ser descrita como “desvairada”, imperava agora um sentimento progressista que se sobressaía à nostalgia.

Porém, mesmo com essa nova perspectiva revolucionária, tornando-se o modelo a ser seguido, o papel da mulher ainda estava reduzido a um mero elemento de enredo, o que aparentemente é algo contrário ao que estava sendo proposto

durante o surgimento do movimento, além de ser uma visão completamente divergente daquela que buscarei destacar dentro deste trabalho.

Apesar de não estar entre os países precursores, foi em Portugal, cujo movimento que até então figurava em círculos seletos, assumiu um papel de destaque num cenário mais amplo, e o responsável por isso foi à obra de João de Almeida Garrett, intitulada *Camões*. Por intermédio desta produção surgiram os moldes nos quais as obras românticas seriam modeladas, pois mesmo que a paixão romântica atuasse como a força motriz para inúmeros manuscritos, outros incontáveis elementos estão presentes nestas narrativas, tais como, sentimentalismo, patriotismo e ufanismo, valorização do indivíduo e da religião, e até de elementos mais exotéricos voltados para a espiritualidade. No caso da narrativa garrettiana em questão o amor não é por uma pessoa, mas sim pela pátria do escritor que passava por um período de dominação por mãos estrangeiras (ingleses).

Após a produção de *Camões*, o Romantismo passaria a assumir grande notoriedade em Portugal, e seu predomínio perduraria por um período de quatro décadas, relegando o Neoclassicismo ao ostracismo dos círculos literários, porém sua influência só durou enquanto o movimento manteve-se evoluindo e modificando-se, de acordo com estágios que podem ser definidos em três gerações:

1ª Geração - Ainda possuía resquícios do Classicismo, e por ser pioneira na introdução da abordagem literária na cultura portuguesa, passou a exaltar as suas qualidades, aflorando um sentimento de ufanismo.

2ª Geração - Enquanto a primeira geração tinha como tarefa a introdução do Romantismo em Portugal, a segunda fase encontra solo fértil com o movimento já consolidado. Diante deste cenário passaria a surgir uma nova tendência referida como ultrarromântica, esta nova visão do movimento seguia-se sobre uma perspectiva mais extrema no que diz respeito às idéias anteriormente abordadas, ao mesmo tempo dava luz a novos conceitos, muitos dos quais colaboraram para uma mudança em sua denominação, como o “mal do século”, em que a morbidez, o negativismo e o exagero emocional eram fortemente acentuados.

3ª Geração – A última geração romântica em Portugal distanciou-se da anterior e assumiu um novo viés, este por sua vez era mais lúdico, e empregava a musicalidade e o lirismo, este elemento tornou mais leve a temática das novas produções.

2.2 O Romantismo no Brasil

Assim como ocorreu com outros movimentos literários e outras tendências europeias, o Romantismo fez seu trajeto até o Brasil, o período de sua chegada não poderia ser mais propício, assim como surgiu na Europa para atender a necessidade de mudança do pensamento sócio-histórico decorrente da ascensão da burguesia aqui não foi diferente, durante sua chegada o Brasil deixava de ser uma colônia para tornar-se uma nação, isso fez com que as produções realizadas na época tomassem uma direção semelhante à portuguesa, em que havia o predomínio do ufanismo e a exaltação exacerbada da pátria. Tal abordagem tinha como finalidade mais que a tendência global, pois o verdadeiro propósito da adoção do Movimento romântico era a criação de uma identidade nacional.

Para realizar esse objetivo, um grupo que até então era marginalizado foi enaltecido, qual seja os indígenas, e fez com que o Romantismo nacional sobressaísse diante de todos os diferentes estilos presentes ao redor do mundo, pois existia aqui um elemento que diferia do que foi apresentado até então, isto é, a exaltação dos povos nativos; tal aspecto é sem sombra de dúvidas um elemento divisor e que se enquadra perfeitamente bem nesse estilo de época, tal fato se deve a visão idealizada existente no estilo, pois se de um lado há o indígena canibal, desprovido de uma educação formal ou de características redentoras, no outro extremo do espectro há a figura bela e europeizada do bravo, nobre, possuidor de virtudes inumeráveis.

Apesar desta caracterização atribuída aos povos nativos, que serviu a finalidade de empregar um recurso exclusivo de nossa nação e, conseqüentemente empregar uma marca exclusiva de nossa identidade cultural, no que tange ao movimento poderíamos dizer que o Brasil passava a ser um modelo de novas tendências. Naturalmente para que continuasse a existir o Romantismo teria que mais uma vez modificar-se, esta mudança o fez distanciar-se da temática indianista,

nas áreas cujo gênero tocava surgiram divisões por períodos, onde cada época possuía diferentes temas, na poesia romântica, como se pode perceber nas considerações que se seguem.

Em 1836, publica-se *Suspiros Poéticos e Saudades*, livro de Gonçalves de Magalhães que inaugura o Romantismo no Brasil;

Na primeira geração romântica, tem-se José de Alencar e Gonçalves Dias como maiores expoentes; sua nomenclatura atende por **Indianista**, pois buscava pintar os indígenas sob uma luz heroica;

Álvares de Azevedo é o principal autor do **Ultrarromantismo** brasileiro; este, por sua vez, está vinculado a exacerbação do amor e da morte;

Com uma obra com forte tom abolicionista, Castro Alves é o grande nome da terceira geração do Romantismo brasileiro. Referida como **Condoreira**, a principal pauta era de cunho social.

3 O ROMANTISMO SEGUNDO JOSÉ DE ALENCAR

3.1 A Representação Feminina nas Obras Alencarianas

Embora tenha começado sua carreira com obras indianistas, o autor construiu um vasto universo no qual as mulheres eram o centro das atenções, com obras como *A viúvina*; *Diva*; *Senhora*; *A pata da gazela*; *Encarnação*; *Sonhos d'Ouro e Lucíola*, que são grandes produções tanto do Romantismo como da literatura em geral, tais obras constituem um nicho próprio referido como romances urbanos, cujas produções apresentam uma série de características em comum, desde o ambiente ao foco nas nuances psicológicas e temáticas sociais, todas encaradas pelo escritor sob um viés crítico, porém há um fator que denota certa notoriedade: a retratação histórica, ou o caráter documental.

Mas, além desses tópicos, a figura da mulher como elemento central é certamente o mais notório das produções, cada uma com um conjunto de personalidades que vão desde a mais comum entre as obras românticas a figuras completamente opostas à visão que era tida como ideal, ressaltando mais uma vez a profundidade psicológica que o autor empregava em suas criações, tornando cada uma das histórias profundas e envolventes, o fator subjetivo e a dualidade existentes nessas personalidades são essenciais para que nos tempos atuais sejam vistas como destaques no que diz respeito à composição de personagens.

Todavia, mesmo que seja um escritor arrojado, Alencar não assumiu o desafio de criar uma protagonista ácida desde sua primeira criação, pode-se dizer que até o surgimento de Lúcia o autor tomou uma direção mais segura na elaboração de suas narrativas; já em *A Viúvina*, tem-se um vislumbre de seus primeiros passos nos romances urbanos, embora não seja sua primeira produção deste tipo ela ainda possui uma forte caracterização do que tornou o gênero tão popular, poderia afirmar que o autor realizou um trabalho de colagem ou preenchimento no desenvolvimento da narrativa, pois esta segue à risca a fórmula de protagonistas clichês, trama simplista, caso de amor que supera barreiras como o tempo e a distância, além do fatídico final feliz, porém em meio aos desdobramentos existe uma crítica social à sociedade burguesa e a adoração ao dinheiro.

Após a produção anteriormente citada, o escritor decide assumir uma nova diretiva, com uma desconstrução total do gênero ocorre a concepção de **Lucíola**, a criação desta produção foi mais que um rompimento com seu próprio estilo, podemos caracterizá-la como singular dentro do próprio Romantismo, isso é facilmente observado na descrição dos personagens:

Lúcia – Lúcia nada mais é que um pseudônimo utilizado por nossa heroína, seu verdadeiro nome é Maria da Glória, quando apresentada ela possui a tenra idade de 19 anos , além de uma vasta fortuna o que a torna ainda mais notória. Possuindo olhos negros e cabelos ondulados na mesma tonalidade, pode ser descrita como uma figura surpreendentemente bela, e apesar da função que exerce ser bastante refinada, tal conjunto de características faz com que seja cobiçada pelos homens e em igual intensidade invejada pelas mulheres. Apesar de ser descrita como inocente e vítima das circunstâncias, principalmente no que diz respeito ao motivo de ter entrado na prostituição, sua moralidade seria melhor definida como cinzenta, pois em algumas situações possui ciência sobre a vida pessoal daqueles homens com os quais se envolve, ainda assim não está disposta a fazer outros sofrerem mesmo diante dos ganhos pessoais que obterá.

Paulo – O protagonista masculino de nossa história, oriundo de Olinda (Pernambuco), e também narrador dos fatos ocorridos, por desempenhar essa função na história surge uma barreira sobre os fatos ocorridos, que se dá por intermédio de uma visão pessoal. Ainda no que diz respeito a ele como personagem, denota-se a diferença entre o personagem e outros protagonistas de obras do gênero, pois enquanto muitos culpam-se por introduzir o pecado na vida de suas amadas, Paulo é quem sofre com a influência de Lúcia, modificando sua personalidade com o decorrer do romance.

Sá – Amigo de Paulo e antigo parceiro de Lúcia, ele é responsável por intermediar o encontro de nossos protagonistas, por ser dono de grande fortuna e solteiro se define como típico burguês. Não obstante, antes de qualquer outra coisa, Sá é uma personificação, como mencionei anteriormente e voltarei a ressaltar, a sociedade dentro do contexto narrativo é uma personagem, mais que isso pode ser considerada o verdadeiro antagonista do enredo, porém as ações deturpadas dela

só podem ser vista por meio de Sá e de seu preconceito para com o passado de nossa protagonista tido por ele como irredimível.

Cunha – Também amigo de Paulo e outro dos ex-amantes de Lúcia. O seu envolvimento viria a ser interrompido após a cortesã encontrar a esposa dele triste.

Couto – É tanto indiretamente como diretamente responsável pelo desenvolvimento da história, uma vez que foi o primeiro cliente de Lúcia, se assim podemos defini-lo. Responsável por oferecer dinheiro a ela, em troca de favores sexuais, aproveitando-se da personagem ainda na tenra idade de 14 anos. Apesar disso não desempenha um papel substancial na narrativa.

Ana - Irmã mais nova de Lúcia com doze anos de idade, ambas possuem várias características em comum, tanto fisicamente quanto no que diz respeito a sua personalidade, característica ressaltada na narração. Durante o decorrer de sua vida passaria a morar no interior junto com sua irmã mais velha, até seu eventual falecimento, porém não ficaria sozinha logo que passou a estar sob a responsabilidade de Paulo, situação que perdurou até seu casamento, que viria a ocorrer na menção final do livro.

Outro fator que faz das obras alencarianas serem dignas de destaque é a sociedade, e embora em praticamente qualquer obra tal elemento seja essencial, quando abordada por Alencar passa a ser vista por um novo ângulo, quase como uma entidade viva e consciente, tal característica choca-se diretamente com as heroínas, pois as mesmas são geralmente elementos opostos a visão nutrida em seu tempo, a partir disso a consciência social assume um posto antagônico e pessoal, fugindo do enredo básico tão comumente difundido entre herói, donzela e vilã(o).

Um aspecto que ressalta as grandes habilidades de Alencar como escritor está incutido na maneira como ele mescla os diferentes períodos românticos em uma única produção, isso torna-se evidente na forma como Lucíola, por exemplo, mesmo sendo um dos principais romances urbanos do autor, ressalta ainda o ultrarromantismo em sua construção narrativa, mas busca e atinge a função de crítica social à sociedade burguesa da época.

3.2 As Diferentes Perspectivas Sobre Lucíola

Após redigir um breve resumo sobre o Romantismo, além do percurso que ele teve que percorrer até sua eventual chegada ao Brasil, outras produções abordaram o tema presente em *Lucíola*. Por ser uma obra tão proeminente nada mais natural que existam diversos estudos sobre ela, em que cada uma busca analisar e tecer opiniões segundo a visão de seus criadores.

No artigo, ***De donzela à cortesã: a mulher em Lucíola***, de Higor Miranda Cavalcante e Valdeci Batista de Melo Oliveira (2019), observei que nossas abordagens temáticas, assim como sobre os personagens, foram semelhantes, isso não deve ser motivo de surpresa, porém a interpretação sobre o assunto é muito mais concisa, quando os autores comparam a produção local a outras publicadas na Europa e buscam ressaltar as diferentes recepções que ambas sofreram. Ainda assim, como já ressaltei, a maneira como o autor escreve consegue que mesmo uma temática tão problemática quanto a prostituição torne-se suavizada, facilitando a leitura do público mais sensível.

Mais uma vez, o texto mostra o quão delicado o assunto em questão é, e embora eu tenha procurado destacar a ousadia de retratar uma cortesã como a protagonista de uma obra romântica, não me omiti de discordar do autor sobre nossas visões, que são dissonantes, principalmente no que se refere ao fato do gritante preconceito que Alencar busca denunciar, também é o motivo do triste final que a obra toma/assume, o que por conseguinte reflete os próprios preconceitos do autor em torno do tema.

Então, ***De donzela à cortesã: a mulher em Lucíola*** consegue salientar um tópico que para mim até então havia passado despercebido, e esse é o fato de que sendo uma protagonista o suprasumo idealista do que mais era apreciado nas produções românticas, ou uma cortesã, com sua representação completamente antagônica, ambas nada mais seriam que o reflexo da visão nutrida pelas sociedades patriarcais, que procuram tachar as mulheres segundo suas próprias normativas, impondo-as ao seu jugo, ao mesmo tempo em que recriminava qualquer uma que não se enquadrasse nos moldes pré-estabelecidos, tal característica torna

o próprio discurso de Lúcia algo ainda pior, logo que ela exalta mulheres diferentes dela, ao mesmo tempo que se denigre, expondo a misoginia de Alencar.

No artigo, ***A representação da mulher prostituta em Lucíola de José de Alencar***, de autoria de Fernanda Karyne de Oliveira, Bruno Santos Melo e Jailma da Costa Ferreira, pode-se afirmar que desde o tema fica claro o assunto que irá ser abordado, mas como falar de Lucíola e não discorrer sobre a prostituição? Já que ambos estão intrinsecamente ligados, isso se torna impossível. Para elucidar essa questão os autores da produção deixam claro qual a diferença de sua abordagem para artigos com a mesma temática.

E essa diferença não é outra senão o tempo, e ainda que não se deva cometer o erro de analisar a obra com uma perspectiva moderna, tendo em vista a grande diferença de tempo que há entre nós, é inegável afirmar que o assunto em questão tenha sofrido uma grande mudança da forma como era abordado no período de publicação da obra e na atualidade.

Com tal perspectiva, vi o trabalho em questão como sendo muito intransigente em suas análises, pois embora seja evidente e até gritante o preconceito não só por parte da sociedade, como do próprio autor, acredito que deveria ser considerado a cosmovisão que imperava na época.

Embora a temática central cujos autores da produção a princípio tenham se proposto a mostrar a representação da mulher prostituta no século XIX, essa faceta da obra foi sobreposta pelas críticas pessoais; tal falha, se assim posso colocar, reduziu o artigo a uma crítica moderna, o que mais uma vez posso apontar como sendo outro erro, pois caso tivessem se voltado para uma análise histórica a própria obra serviria como alicerce, em virtude que ela é quase um relato histórico cujos personagens foram anexados. Essa característica era sempre evidenciada nas produções urbanas de Alencar, já que o autor possuía uma preocupação evidente de representar a sociedade de maneira condizente com a realidade.

Mas, apesar de tais detalhes, a produção não deixa de ser rica em informações, mesmo que essas se correlacionem de maneira estreita com Lucíola, meramente tangenciando-a.

Em suma, a produção é rica em informações e apresenta uma pesquisa profunda, porém, ao mesmo tempo, distancia-se da obra que deveria constituir seu *corpus*.

A questão de gênero na protagonista da obra Lucíola de José de Alencar: uma proposta de leitura para a sala de aula foi o artigo cujo título mais me chamou atenção, por ser algo tão atual tomei o mesmo com certa estranheza, principalmente porque a identidade de gênero nunca é levantada, já que parece muito bem definida sem margem para contestação.

Então, é neste ponto que tal artigo, com uma abordagem voltada a um público diferente dos anteriores, destaca-se, pois o texto aborda a identidade da mulher como de fato uma mulher, e não meramente um objeto ou elemento de enredo, distanciando-se de definições que apontariam a obra como fortemente patriarcal, a produção delinea esse grupo sob uma ótica objetiva, com uma colocação precisa não apenas temporal como também espacial.

É praticamente onipresente em textos, resenhas, artigos ou qualquer produção que aborda o livro mostrar a dura realidade de uma cortesã em uma sociedade machista, e patriarcal, cujo papel feminino está irremediavelmente cravado em pedra desde o seu nascimento, e que a fuga de tais normas é fortemente repreendida, isso ocorre de tal maneira que até as próprias mulheres estão condicionadas a perpetuar esse ciclo vicioso de ódio, ao invés de serem mais empáticas com aquelas que estão sujeitas a tais condições.

Estranhamente, um fato pouco abordado é que Lúcia vivia em uma área - urbana, e embora pareça uma redundância apontar tal fato, principalmente dentro do período romântico, de cuja obra faz parte, isso pode ser visto sob duas óticas:

- Embora exista preconceito, e este é o tema central da narrativa, Lúcia ainda assim poderia estar em uma situação tida como privilegiada por viver em uma sociedade urbana, com melhor formação escolar por parte dos membros que constituíam o seu nicho social, permitindo que sua transição para Maria da Gloria fosse possível, ao contrário de garotas que estavam na mesma condição, porém, em áreas ainda mais inóspitas e menos desenvolvidas.

- Ou por viver em um ambiente urbano, onde a moral burguesa imperava tendo esse estilo de vida, mesmo que não tenha sido por escolha própria, estaria Lúcia irreversivelmente estigmatizada pelo resto de seus dias, a tal ponto que mesmo que tenha se tornado mais uma vez - Maria da Glória, não poderia ter uma vida ou final feliz, acarretando conseqüentemente seu triste final.

Uma característica digna de notoriedade da obra é o fato dela não objetivar ser um modelo, na verdade ela se enquadra no espectro oposto do que poderia ser definido como moralmente aceitável. Tal fato, segundo minha perspectiva, pode ser atribuído a narrativa ser de cunho biográfico, tendo como sujeito principal não uma pessoa física, mas sim toda a sociedade carioca da época. E ainda que por vezes as descrições feitas na obra possam ser condizentes com relatos históricos ela ainda é fictícia e deve ser tratada como tal, ressaltando ainda que o autor por vezes pode vir a ser pretensioso.

Esta característica é definida da seguinte forma por Candido.

Quanto à obra, focalizemos o influxo exercido pelos valores sociais, ideologias e sistemas de comunicação, que nela se transmudam em conteúdo e forma, discerníveis apenas logicamente, pois na realidade decorrem do impulso criador como unidade inseparável. (2014, p 41)

Ainda que seja um romance com personagens principais, secundários e coadjuvantes, eles são mais que meros indivíduos; Lúcia seria, por exemplo, a personificação do que as pessoas têm de pior, seus vícios desprovidos de virtudes redentoras, indo tão baixo a ponto de vender o próprio corpo, mesmo que ela não tenha optado por desempenhar esse papel em todos os sentidos concebíveis. Paulo, em contraposição, é sua verdadeira antítese, justo, bom é praticamente imaculado, ou ao menos acredita ser, logo ele é uma representação clara da moralidade hipócrita que predominava naquela época.

Dentro de minha perspectiva, mesmo que o autor tenha dado notoriedade a uma protagonista feminina, ele o fez pelos meios mais deturpados possíveis, mesmo que a inversão dos gêneros ou funções fosse inaplicável, quando, por exemplo, Paulo assumisse o papel de cortesão e Lúcia fosse uma figura imaculável, toda a construção narrativa perderia o sentido, seguindo esse raciocínio a falha do autor foi erigir uma história cuja visão crítica social se perde em detrimento de adornar as

circunstâncias, fazendo uma obra que se propôs a fugir das normas vigentes e mostrar algo novo e regredir a uma representação da visão idealizada pela própria sociedade.

Afirmar se o livro cumpre o que promete pode acarretar discussões, se por um lado ele critica a visão de uma sociedade na qual reinava um conceito de moralidade duvidosa, em sua própria narrativa ele modifica a mentalidade de sua heroína e toda sua construção em favor de torná-la digna de seu amado, indo além, pois subverte a personalidade do protagonista tornando-o menos nobre a medida que o enredo se desenvolve para que esteja tão baixo quanto sua amada.

E embora a representação de Lúcia como alguém independente seja algo evidente, principalmente na época e ano de seu lançamento (1862), em que as mulheres eram desprovidas dos direitos que hoje gozam e veem como algo nada menos que trivial, mesmo assim ela denota seu passado como obscuro e inaceitável, mudando a si mesma para que possa viver em paz com sua consciência, fato que perdura até o encerramento do romance.

3.3 A Verossimilhança em Lucíola

Cronologicamente, Lucíola foi a quinta produção do escritor José de Alencar, concebida no ano de 1862. E, como já citei anteriormente, foi após a sua publicação que o autor passou a tomar uma abordagem inteiramente nova em sua carreira, desta vez o centro de sua atenção era voltado para as mulheres, não apenas o foco das narrativas era alterado, mas os temas também tomaram um novo seguimento, a abordagem psicológica de indivíduos torturados passou a ser o principal foco temático das produções alencarianas com obras como Lucíola, que faz parte de uma trilogia de romances urbanos produzidos pelo escritor, as duas outras produções são *Diva* do ano de 1864, e *Senhora* de 1875.

O padrão de escrita destas obras seguia o formato dos folhetins, as narrativas eram quase relatos da vida da alta sociedade, e do Segundo Império, adotando um caráter romantizado das intrigas amorosas da burguesia e da corte brasileira. Os livros destacam-se por suas descrições precisas dos ambientes urbanos, quase como descrições históricas que servem para dar a sensação de imersão dos leitores independentemente da época que se esteja lendo.

E como supracitado anteriormente, um dos aspectos mais notórios das criações de Alencar são suas protagonistas femininas, e a grande profundidade psicológica presente em suas composições, alguma delas exaltadas na capa de cada produção, tal característica o diferencia de tantos outros escritores, principalmente do período romântico, no qual as personagens femininas não eram mais que meros objetos e objetivos dos protagonistas masculinos, com suas construções beirando a unidimensionalidade. Diante desta perspectiva, quando vemos Lucia/Maria com suas diversas facetas e sua personalidade atormentada decorrente de seus traumas, torna-se impossível não criar uma conexão com a personagem.

Assim como ocorre em contos detetivescos, os enredos dos romances urbanos escritos por Alencar seguem uma ordem de resolução de mistérios, em que segredos são desfraldados no decorrer da história, a resolução deles também é seguida por críticas sociais, algo bastante comum para o escritor que, por sua vez, buscava mostrar as mazelas que acometiam a população brasileira, de forma que mostrava os extremos sociais que eram caracterizações extremas entre a burguesia e as pessoas mais carentes. Com uma retratação quase demonizada daqueles mais abastados, o autor falava sobre a degradação moral que era acompanhada pelo acúmulo de dinheiro, e ganância desenfreada.

Com todos os recursos estilísticos presentes na narrativa, um deles se destaca, a metatextualidade, em *Lucíola* o uso de tal ferramenta é algo que afaz sobressair mesmo entre as demais produções que compõem os romances urbanos de Alencar, tal fato evidencia-se na presença de *A dama das camélias* dentro da narrativa, tal produção existe e serviu como inspiração para o desenvolvimento da obra, mas tal elemento que poderia ser a fonte de críticas negativas para com a produção brasileira nada mais fez do que servir para posteriormente criar uma identidade narrativa brasileira, salientando o caráter ufanista do autor que transcendeu sua fase indianista.

A obra *Lucíola* é certamente a mais notória da fase de romances urbanos, tendo sido referida pelo autor em um prólogo como: “*Lucíola* é o lampiro noturno que brilha de uma luz tão viva no seio da treva e à beira dos charcos. Não será a

imagem verdadeira da mulher que no abismo da perdição conserva a pureza d'alma?" (ALENCAR, 1862, p 18.)

E como uma das suas obras de maior destaque, nada mais natural que ganhasse diferentes adaptações em outras mídias, sendo as mais notórias:

- *Lucíola* (1916), filme mudo baseado no livro, com Aurora Fúlgida no papel-título
- *Lucíola, o Anjo Pecador*, adaptação cinematográfica do livro, com Rossana Ghessa no papel-título
- *Essas Mulheres*, telenovela da Record TV, baseada na obra.

4 A VIDA REPRESENTADA NA ARTE: LÚCIA E A SOCIEDADE OU LÚCIA VERSUS A SOCIEDADE?

Mas em *Lucíola* a protagonista assume o papel que lhe é devido, Lucia ou Maria é notória no gênero devido ao papel que desempenha, o motivo? Simples, mais que um indivíduo do sexo feminino ela é aquilo tido como mais execrável em qualquer obra com tal temática, uma cortesã. É incontestável que Alencar produziu obras cujo sucesso supera em muito *Lucíola*, “*Iracema*”, por exemplo, que é certamente uma das produções mais notórias do escritor e figura em destaque como uma das grandes produções brasileiras. Porém, um dos poucos elementos que ambas produções tem em comum é o fato de ambas as obras serem protagonizadas por mulheres..

Mas por que Lucia se sobressai diante de uma personagem como *Iracema*? O fator mulher é certamente irrelevante, e ressaltar o fato da mesma ser uma cortesã a colocaria em uma posição desfavorável, principalmente quando no outro espectro a índia é uma figura tão proeminente, com um status mais nobre que possa lhe ser atribuído, cada fato sobre ela exalta um caráter mais elevado, alcançando o que seria o epítome da protagonista ideal beirando o quase imperfeível.

Então, é neste momento que a figura de Lucia se eleva, o simples fato de não ser perfeita a ergue, sua atuação como uma cortesã coloca-a em uma margem cinzenta, tal aspecto lhe dá um toque de humanidade, tornando-a diferente da figura de *Iracema*, pura, virginal um modelo inalcançável de perfeição.

Ainda que exista essa carga por trás da personagem ela não é desprovida de “falhas”, muitas destas são gritantes; devo dizer, porém, ao ressaltá-las, que poderia estar cometendo um erro, falo isso no sentido de ser incapaz de diferir o que é Lucia segundo personagem e indivíduo, e o que é a mesma como uma representação da voz do autor, os muitos aspectos que a tornam única fazem da personagem praticamente incompreensível, logo que muitos fatores a tornam singular pelos motivos errados, tais como a sua mentalidade alquebrada, descontentamento com seu estilo de vida, sua ousadia desvairada, ganância entre outras características que a tornam uma figura complexa e com diversas camadas, também a restringem, pois

Alencar ao tentar imprimir sua marca na história acaba indo além, e equivocadamente transmite seus preconceitos.

Para embasar meus argumentos a respeito dos questionamentos que levantei ao discorrer sobre o tema, me apoiei na obra de Antonio Candido, *Literatura e sociedade*, de forma a alicerçar meu trabalho, tendo em vista a maestria com que o autor discorre sobre a temática, fazendo uma análise que abrange tempo e espaço, assim como a realidade física e psicológica dos indivíduos e coletividades.

Minha observação pode ser melhor ilustrada por um trecho da obra de Candido (1965, p.40).

A obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição. Mas por motivo de clareza preferi relacionar ao artista os aspectos estruturais propriamente ditos. Quanto à obra, focalizemos o influxo exercido pelos valores sociais, ideologias e sistemas de comunicação, que nela se transmudam em conteúdo e forma, discerníveis apenas logicamente, pois na realidade decorrem do impulso criador como unidade inseparável. Aceita, porém, a divisão, lembremos que os valores e ideologias contribuem principalmente para o conteúdo, enquanto as modalidades de comunicação influem mais na forma.

Com isso dito ficaria evidente até mesmo certo favorecimento de uma personagem sobre outra, fator reforçado pelo final que cada obra assume, pois mesmo que seja unânime que ambas são tristes, enquanto Iracema definha por estar longe fisicamente daquele que ama, Maria estava longe espiritualmente ainda que lado a lado, por mais que uma barreira tangível os distanciava de fato era sua crença de que não era merecedora não só de amar, mas até mesmo de viver.

Ao longo da história da literatura a figura da prostituta sempre representou o motivo de queda do herói. Independentemente do gênero literário esses símbolos de luxúria sempre eram um tabu, verdadeiras personificações de um dos sete pecados mortais, seja em textos sacros, épicos ou românticos tais figuras são introduzidas como um elemento de enredo que culminará na retratação das falhas morais dos protagonistas em suas histórias, e tal falha consequentemente resultará em sua queda.

Com tal viés em mente não ficaria difícil taxar nossa protagonista como uma vilã, além disso, sua personalidade distorcida não ajuda a pintá-la sob uma luz mais

heroica, todavia ao fazer isso estaríamos olhando para ela de maneira simplista, Lucia distancia-se de tantos outros personagens por sua ambiguidade e nuances que a tornam complexa, ainda que seja uma cortesã não deixa de ser sensível, e durante toda a narrativa a personagem oscila entre as diversas dicotomias de sua personalidade, este fator faz com que mesmo ela sendo desenvolvida ainda possui potencial para evoluir no decorrer da narrativa. Caso ainda exista a necessidade de apontar um vilão após isso posso afirmar que este é a própria sociedade.

Com o que já foi dito até aqui ficou óbvio que ao falar sobre Lucia/Maria devo ser parcimonioso, definir a mesma como heroína ou vilã sempre fará com que a mesma seja limitada, porém tal necessidade não existe, dizer que Lúcia é um modelo de mulher poderia ser considerado ofensivo, porém temos que analisar isso com um olhar mais imparcial, já que mais que uma prostituta nossa protagonista é uma figura independente, seu estilo de vida não seria considerado outra coisa que no mínimo polêmico, não apenas na sua época como em qualquer outra, inclusive a nossa, no entanto, tal fato não muda o quão a frente do seu tempo a mesma estava, com a tenra idade de dezenove anos, o que na verdade não pode ser tomado como base devido à diferença entre nossos tempos, ainda assim é um fato que Lúcia era completamente livre.

Tal característica pode ser mais um dos elementos que a fizeram um alvo, uma mulher com um estilo de vida tão aquém das normas possuir um status tão elevado era completamente incomum, uma vez que era normal os lares serem dirigidos por homens, e as mulheres viverem à mercê deles.

Dentro desta liberdade existe um conflito muito comum na literatura clássica, indivíduo versus sociedade, a obra Lucíola foi concebida em um período de tempo em que os brasileiros queriam revitalizar seus conceitos moralistas, ainda assim, a visão retratada segundo o autor é completamente contrária a isso, pois para Alencar a sociedade estava indo na direção contrária àquela que buscava mostrar, por isso ele sente a necessidade de expor essas falácias morais em suas obras e não apenas em Lucíola, mas em todas que se enquadram como romances urbanos.

Desta forma, Lúcia era o zênite dos ideais de sua época, mesmo que existisse uma pureza oculta em sua figura malfadada ela ainda representava o reflexo sombrio dos hábitos mais comuns de sua época, tal fato reverbera em sua

construção como personagem, isso, todavia não é algo negativo, sua escuridão a coloca no centro de criação e desenvolvimento da obra, por sua falta de moralidade ela se destaca não como mais do que um elemento de enredo, seus atos fazem com que a narrativa se desenrole de maneira que o protagonista masculino seja envolvido na trama e não o motivo dela, esta característica mais uma vez demonstra seu caráter livre de restrições. Com o que foi apresentado até o momento Lúcia seria o melhor exemplo da frase “O homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe” do filósofo Rousseau, ainda que neste caso o mais apropriado seria a mulher, porém essa afirmação pode ser contestada.

Ao mesmo tempo em que diversas produções de Alencar são enaltecidas, a obra *Lucíola* sofre com o ostracismo, mas qual seria a razão para tal ocorrência, até então era evidente a capacidade do autor em tecer grandes escritos, porém o mesmo poderia ter se excedido ao tentar colocar os holofotes sobre uma prostituta, diante de minha perspectiva o constrangimento e sensação de desaprovação que a obra recebe era de fato o objetivo do escritor, ele buscou refletir as características mais nocivas da sociedade e ao alcançar seu intento tudo que a obra poderia causar era aversão, e a personagem Lucia como centro desta narrativa deveria claramente representar os grupos marginais da época.

Tal característica é certamente uma alusão a protagonista que conseguiu não apenas destacar-se como cortesã, assim como se tornou notória em toda a sociedade carioca. O outro significado está no nome de Lucia escolhido como uma alusão ao anjo Lúcifer o mais próximo de Deus na hierarquia celeste, antes de se afastar da graça divina, isto também ocorre com a heroína que a princípio chamava-se Maria, uma alusão à figura religiosa do Cristianismo. Entretanto, durante um momento de necessidade a personagem não enxerga outra alternativa que não seja vender seu corpo para ajudar seus entes queridos, e ainda que tenha realizado tal escolha em momento alguma ela está/ foi caracterizada de maneira a ser vista como vítima.

Essa situação salienta o fato de que mesmo Lúcia tendo sucumbido à prostituição, ela o fez por razões que estavam além de sua capacidade de escolha, e embora tenha permanecido assim, ela nunca aceitou tal mancha em sua vida,

esse toque de realismo pinta um quadro humano em uma figura ideal, mas em que sentido?

Como era comum no Romantismo as mulheres deveriam ser símbolos inatingíveis de perfeição, algo inalcançável e quase inumano, o simples contato entre a donzela e o pretendente seria o suficiente para maculá-la, tal dilema praticamente inexistente na obra em questão, a pureza do corpo tão fortemente pregada em obras do gênero não mais existia, e a experiência com outros homens dava um toque de maturidade psicológica a heroína.

Mesmo possuindo todos estes atributos, tanto a obra quanto sua personagem não estão entre as que figuram no centro do palco, tanto em comparação a produções de diferentes autores quanto do próprio Alencar. O fato é que sua representação é extenuante, sendo uma caracterização perfeita não do que o povo brasileiro buscava representar, mas sim do que era e continua sendo de fato; a representação do escritor é uma crítica flagrante da perseguição de objetivos mesquinhos e hábitos imorais perpetrados pelos valores sociais da época, e isso é algo que todos buscavam evitar, pois Lúcia era um símbolo da emancipação da mulher totalmente contrário às convenções nutridas, em que a mocinha deveria ser resgatada pelo herói, das garras do nefasto vilão.

Assim como o romance subverte valores, conceitos e estilos, a própria definição de vilão é reescrita, neste sentido o principal adversário a ser batido não é um inimigo físico, mas a própria sociedade que exerce uma função antagônica, a produção crítica o estilo de vida do grupo dominante, porém ao mesmo tempo é influenciada por ela no decorrer do enredo. José de Alencar busca expor sua indignação com o mundo que o circundava, porém este o instigou a escrever seu livro, isso fica explícito não apenas no preconceito que Lúcia sofre por parte de outras pessoas, mas até mesmo aquele que ela se impõe.

Se há um elemento negativo que possa ser atribuído a narrativa é o impacto que fatores externos exercem sobre ela, neste ponto fica evidente que mesmo Alencar querendo ser um forasteiro social (*outsider*), alguém do mundo em seu entorno, não pode deixar de ser aquilo que critica com tanta veemência. Tal situação ocorre de maneira imperceptível em certas ocasiões ou explícita em outras, deixando claro que a influência da sociedade é tanto interna quanto externa.

Metaficcional, isso ressalta o livro e se faz presente assim que a protagonista é levada durante o decorrer da narrativa a modelar-se para que o seu final feliz fosse alcançado, e mesmo ousando em mostrar uma figura feminina forte e independente das convenções morais vigentes, o escritor regressa a ela para atender ao que era moralmente aceito, seguindo uma evolução reversa, importante para o desfecho da obra, porém contrário aos ideais por ele enaltecidos. Por tratar-se de uma obra romântica não seria estranho que ambos os protagonistas estivessem presos a clichês como casarem-se ou ter filhos, porém a autodepreciação que Lúcia se impõe, não vendo a possibilidade de perdoar a si própria, leva a uma quebra da personagem como o símbolo potencial que ela poderia representar.

Apesar do aparente retrocesso psicológico sofrido por Lucia/Maria, que a levou a emoldurar-se em padrões pré-definidos, um fator pode ser apontado como o catalisador disso, - levantado por Antonio Candido como a relação *autor – obra – público*, ou seja, mesmo que Alencar tivesse como alvo de suas agressões a burguesia, esta também era a principal apreciadora de suas produções, isso sempre fez com que o autor permanecesse em xeque.

Tendo apresentado o embate ao qual me propus, não sei se posso afirmar que cheguei a uma conclusão satisfatória, ou se ao menos respondi alguma questão que levantei, devo dizer ainda que minha intenção sempre encontrou-se voltada ao desenvolvimento da temática abordada acima de qualquer outra coisa e, nesse caso, se de fato há algo que pude constatar como certo, ou o mais próximo que há entre certo e errado, é que a obra *Lucíola* tem um amplo enfoque social, e desde o desenvolvimento ao desfecho podemos ver nela um processo apontado por um dos mais influentes sociólogos e estudiosos do comportamento das sociedades humanas que foi Emile Durkheim, sendo este o fato de que a sociedade sempre prevalece sobre o indivíduo, pois como já fora apontado ao término da obra, - Lucia percorreu todo um trajeto em que se modelava seguindo a visão de moralidade e apego às normas, mas não apenas isso, assim como a protagonista teve que se enquadrar- para que tivesse um desfecho em sua história tido como feliz, apesar de sua morte, sua subversão que ocorre durante toda a obra mostra que o próprio autor foi vencido, tendo em vista a incapacidade de Lúcia aceitar seu passado, e caso isso tivesse ocorrido o desfecho da história poderia ter sido diferente, a personagem não precisaria continuar prostituindo-se para que se afastasse de um desfecho não

convencional, mas caso apenas tivesse reconhecido que suas ações foram feitas com o intuito de sobreviver, todo o seu percurso teria acarretado um desfecho mais próximo daquilo que a obra se propôs desde sua concepção.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inquestionável que José de Alencar é um dos maiores nomes da literatura brasileira, assim como um dos mais conceituados escritores do Romantismo brasileiro, tendo obras com reconhecimento mundial, além de inestimável valor canônico que serve de referência para escritores ao longo do tempo. Por estes motivos devo deixar claro que as críticas que aqui apontei não diminuem de forma alguma o valor inestimável da produção que resolvi abordar, assim como das demais obras do mesmo autor, tentei acima de tudo durante o desenvolvimento da minha crítica afastar-me de apontamentos sobre diferenças culturais. Desse modo, a produção que optei por trabalhar foi realizada com uma diferença de quase dois séculos dos tempos atuais, o que eventualmente resultaria em apontamentos e afirmações imprecisas contrárias à visão que optei por trabalhar.

Mesmo sendo obra de um escritor de renome, pode-se afirmar que *Lucíola* está longe de ser a obra mais expressiva de Alencar. Tendo produzido suas principais obras no período indianista, o autor não se prendeu a esta área, ele sempre produzia histórias com diferentes abordagens temáticas, podendo a sua produção literária ser dividida em quatro diferentes períodos, quais sejam indianista, histórico, regionalista e urbano, sendo o último período aquele em que a obra por mim abordada melhor se enquadrar. Ao se dedicar a temas que estavam longe de sua área de interesse, é natural que o escritor assumisse uma atitude experimental em suas produções, e é exatamente nesta esfera que *Lucíola* se enquadra, e a protagonista é certamente o mais ousado de seus experimentos.

Porém, a falha, se assim posso colocar, não é a ousadia incutida na narrativa, mas a permanência de uma mesma perspectiva durante toda a obra, tais como colocar uma mulher, jovem e cortesã como figura central de um livro é algo quase impensável, principalmente para os padrões da época, e pode-se afirmar que mesmo nos dias atuais é bastante difícil encontrar uma obra com tais características. De outro modo, destaco que ao mesmo tempo em que a história tenta romper com estigmas e preconceitos de toda uma sociedade, é ela própria uma produção cheia de preconceitos.

Sendo uma produção que tem por finalidade mostrar o preconceito social, não é estranho que esta faceta esteja presente dentro da mente dos próprios personagens, desde Paulo à própria Lucia, cada um está em constante desacordo com as ações passadas de protagonista, com o transcorrer da história o foco narrativo se altera, se antes o conflito se dava entre Lucia e o preconceito que ela enfrentava por parte daqueles que a circundavam, posteriormente tal embate torna-se psicológico, pois a protagonista passa a enfrentar suas incertezas e preconceito próprio, culminando em grande aversão por seus atos.

Tal faceta é de fundamental importância diante do desenrolar dos fatos, porém, esse martírio autoimposto é talvez a maior falha cometida pelo autor, pois isso mostra o seu lado preconceituoso, a heroína, por tratar-se de uma figura romântica, não no quadro do gênero narrativo, mas no que diz respeito a sua personalidade, entra em conflito com seu passado, este enfoque é o centro de toda a trama, pois existe/há uma dicotomia entre os diferentes tipos de amor, ou de relação mais precisamente, pois se antes o envolvimento de Paulo e Lúcia era meramente sexual, passa a ser com o tempo, amoroso.

Contudo, por a protagonista ter tido relações com diferentes homens faz com que seu interesse amoroso seja visto como apenas mais um, e é neste ponto que novamente o preconceito deixa de ser uma construção psicológica para transmitir a visão do escritor, tendo como impossível a ideia que era impossível: “Lucia” tornar-se pura novamente e para isso foi necessário sua morte para que o amor entre os amantes fosse consumado. Isso infere diretamente que mesmo que a personagem principal não possuísse alternativas a não ser deitar-se com outro homem, como evidenciado na primeira vez dela, relatada na obra, ela ainda era antagonizada. Tal fato poderia ser desconsiderado já que ela após tal ocorrido optou por permanecer vivendo como uma cortesã, no entanto diante das inúmeras dificuldades que passara não seria um caso de não ter alternativas? Pode-se afirmar que sim, já que tal situação está longe de ser algo existente apenas dentro da ficção, na verdade é o oposto à prostituição em nossa cultura que é algo tão comum que é até mesmo considerada uma profissão legalizada, todavia mesmo com esse reconhecimento não há normas para as profissionais que a exercem, fazendo com que elas caminhem em uma linha tênue, longe da moralidade ou da ética.

Dessa forma, como já assinalai, existe uma diferença de quase dois séculos entre nossos tempos, então é impossível que o autor abordasse com todas as nuances as facetas que a escolha da protagonista em seguir essa vida tomaria, porém, ao marginalizá-la, Jose de Alencar peca ao ir contra aquilo que ele mesmo havia proposto, a morte de Lucia como o único meio de se purificar é tão vil com ela do que todo o preconceito que sofrera.

Pode-se novamente remeter a sua primeira vez como um ponto culminante, o simples motivo de ter que se entregar sexualmente a um homem para conseguir a ajuda necessária para sua família é uma desculpa flagrante para refletir seu preconceito. Pois torna suas ações mais justificáveis, o simples fato de não possuir escolha em tal situação serve apenas para atenuar sua jornada rumo a sua remissão. O problema aqui abordado não reside no fato de mesmo a protagonista sendo uma vítima das circunstâncias ser julgada, mas sim mesmo diante de todos os inúmeros ocorridos somente sua morte tenha sido a única forma possível de redimi-la.

Novamente, volto a ressaltar que as obras de Jose de Alencar são de cunho quintessencial para o Romantismo brasileiro, e a obra por mim abordada não é diferente, porém a mesma possui falhas tanto em seu âmago quanto no desenvolvimento do autor, sua falha não foi ousar, mas sim em mudar sua perspectiva, ao querer ser um *outsider*, julgando a sociedade pelos seus preceitos enquanto estava ele mesmo agindo de forma parcial.

Porém, mesmo com tais pontos, vejo como equívocos mais uma vez - o caráter psicológico tão primorosamente trabalhado, assim como as nuances desenvolvidas pelo autor ao incorporar a sociedade como um personagem, e os desdobramentos que a mescla entre estes fatores colidindo acarretam, e mesmo que os pontos negativos pareçam saltar aos olhos quando comparados a seus aspectos positivos não devemos esquecer que há uma grande diferença temporal, e o que está impresso é a concepção do autor, deixando ambíguo se o que foi representado é seu real pensamento ou o método que ele usou para nos alcançar, levando a mais uma reflexão.

Enfim, no decorrer do desenvolvimento deste trabalho enfoquei três diferentes áreas dos quais quis contribuir, a primeira foi minha formação como um futuro docente, embora não tenha atuado na área acredito que a elaboração deste T. C. C. permitirá aprimorar-me, tornando-me mais analítico e conciso ao assumir uma postura na sala de aula, creio que na estruturação desta produção me esforcei buscando mostrar o meu melhor, isso diante de minha perspectiva sobre o assunto abordado.

O segundo campo é na área de estudo do qual meu trabalho saiu, tanto em literatura quanto em história da literatura, uma vez que fiz uma análise da obra que acompanha suas reverberações através do tempo, mas tentei não me restringir a uma análise propriamente voltada apenas para a literatura, tentei abranger também um contexto social e real. Ao abordar temas como representação feminina, prostituição e outros assuntos tidos como tabu, busquei romper com os estigmas que recaem sobre tais assuntos, minha intenção não é mudar a visão sobre estes elementos, mas sim ressaltá-los de maneira clara e imparcial.

REFERÊNCIAS

A sexualidade e o papel do feminino em *Lucíola* de José de Alencar e Gabriela, Cravo e Canela de Jorge Amado. Disponível em: <<http://www.pgcl.uenf.br/2013/pdf/Simone%20Machado%20da%20Silva%20-%202012.pdf>>. Acesso em:

ALENCAR, José de. **Lucíola**. 10.ed. São Paulo: Ática, 1987. (Série Bom Livro).

As Mulheres em José de Alencar: *Lucíola* e *Senhora* Disponível em:

<<http://www.portaldoconhecimento.gov.br/bitstream/10961/1876/1/MONOGRAFIA-%20FINAL.pdf>>. Acesso em:

COUTINHO, Afrânio, (1999). *A Literatura no Brasil*. 5.ed.-São Paulo: Global, 1999.

Couto, Marília. A estética romântica em *Lucíola*, de José de Alencar. Disponível em: <http://www.leituraeescritura.com/revista/le_02a.htm>. Acesso em:

FERNANDES, Alcinda Lima dos Anjos. As mulheres em José de Alencar: *Lucíola* e *Senhora*. Disponível em: <<http://pdf.thepdfportal.net/?id=363335>>. Acesso em: 20 out. 2015.

Romantismo - José de Alencar e *Lucíola*. Disponível em:

<http://www.passeiweb.com/estudos/sala_de_aula/portugues/jose_de_alencar_e_luc_iola>. Acesso em:

Literatura infantil. Disponível em:

<<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/LiteraturaInfantil/conthist.htm>>. Acesso em:

MORAES, Antonio dos Santos. **Heroínas do romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1971.

Sociedade do século XIX. Disponível

em: <<http://sociedadedoseculoxix.blogspot.com.br/>> Acesso em:

Literatura e Sociedade, São Paulo, DTLLC, FFLCH, USP, nº 11, 2009.

DANTAS, Vinícius. **Bibliografia de Antonio Candido**. São Paulo: Editora 34 / Duas Cidades, 2002.

CANDIDO, Antônio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2002.

OLIVEIRA, Fernanda Karynede et al.. **A representação da mulher prostituta em *lucíola de José de Alencar***. Anais XII CONAGES, Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/18288>>.

OLIVEIRA, Gabriela Santana de. **A questão de gênero na protagonista da obra *lucíola de José de Alencar*: uma proposta de leitura para a sala de aula**.

Anais I CINTEDI, Campina Grande: Realize Editora, 2014. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/8451>>.